



Editorial

Apresentamos aos nossos leitores o volume 39, número 2 da revista *Acta Scientiarum. Language and Culture*, dedicado aos estudos linguísticos em 2017. Reunimos, nesta edição, 10 artigos, sendo cinco deles no campo dos Estudos do Discurso, três no de Ensino e Aprendizagem de Línguas e dois na linha de Descrição Linguística. Destacamos e agradecemos a presença de pesquisadores internacionais (Portugal e Irã) e a publicação de artigos em língua inglesa e em língua francesa, os quais contribuem para o caráter cada vez mais internacional que a *Acta Scientiarum Language and Culture* vem trabalhando para manter.

Iniciamos nossa apresentação com o grupo das pesquisas no âmbito do discurso, abarcando artigos sobre argumentação, linguística textual e discurso. As pesquisadoras portuguesas do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, **Pinto e Teixeira**, analisaram a argumentação em preâmbulos constitucionais, fazendo um estudo contrastivo entre as estratégias argumentativas utilizadas nos preâmbulos constitucionais português (1976) e brasileiro (1988) de forma a verificar o *ethos* constitucional construído. Os resultados obtidos mostram que, face a contextos históricos diferenciados de produção, o *ethos* constitucional do preâmbulo português mostra um “tom pedagógico” e, até mesmo, a construção de um poder “assimétrico” entre os que fazem a Lei e o povo, ao contrário do *ethos* brasileiro, que é mais protetor, e mostra uma “tonalidade mais simétrica”. O segundo artigo de **Haubrich e Freitas**, da Universidade Feevale (RS), também estuda a questão do *ethos*, fazendo uma reflexão sobre os processos comunicacionais da atividade laboral em discursos institucionais. Os autores investigaram a cenografia que implica o *ethos* da atividade laboral mediante análise da enunciação de trabalhadores na discursivização do processo comunicacional instituído pela exposição virtual “Vida de embarcado”, do programa “Memória Petrobrás”. Esse estudo, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, apresentou como principal resultado a demonstração de que a discursivização do processo comunicacional por meio da enunciação dos trabalhadores da Petrobrás produz um *ethos* discursivo da atividade laboral centrado na tarefa, nas prescrições e no uso de si pelo outro. Já no âmbito da fala em interação, o terceiro artigo do trio de pesquisadoras da Unisinos (RS), **Frezza, Ostermann e Souza**, analisa ligações feitas por mulheres a uma Central de Informações sobre Saúde que oferece gratuitamente informações sobre transmissão, sintomas e prevenção de doenças em atividades sexuais de risco e faz encaminhamentos a unidades de saúde. O objetivo das autoras é analisar como as usuárias do serviço e atendentes se referem ao/à beneficiário/a da informação requisitada. Algumas usuárias dessa Central de Informações, mesmo sabendo de que se trata de um serviço que garante sigilo, evitam revelar-se como beneficiárias da informação e, frequentemente, atribuem a uma terceira pessoa a necessidade da informação. As pesquisadoras chamam esse fenômeno de *terceirização*. Outras usuárias se referem ao/à beneficiário/a da informação como “a mulher”, “a pessoa”, “alguém” etc., ao que as autoras chamam de *generalização*. Concluem, então, que, ao terceirizar ou generalizar o/a beneficiário/a da informação solicitada, as usuárias se eximem da responsabilidade sobre algo que possa ser “moralmente questionável”, como relação sexual desprotegida, por exemplo. O artigo de **Braga e Cazarin** da Universidade Católica de Pelotas (RS), trata da oscilação referencial em discursos sobre a organização dos jogos olímpicos de 2016. O foco desse estudo é o funcionamento referencial em sequências representativas do “Discurso de Organização das Olimpíadas 2016”. Após apresentarem a configuração desse discurso, discutem a ocorrência da primeira pessoa do plural com base em uma perspectiva discursiva, enfatizando a noção do “nós” político. Assim, ao analisarem sequências

discursivas extraídas de alocações de Carlos Nuzman, presidente do comitê organizador do evento, por meio de exercícios parafrásticos e de relação entre o linguístico e a memória discursiva, perceberam que, quando da ocorrência do “nós”, o discurso de Nuzman oscila entre referentes distintos, produzindo um efeito de socialização da responsabilidade pelo trabalho organizacional. Entretanto, tal efeito faz supor um alinhamento, controverso, entre a posição daquele que enuncia (em confronto com certo imaginário sobre o Brasil) e a do referente, pondo em causa a ilusão de homogeneidade de vozes que tal representação pode produzir. Finalizando esse grupo de trabalhos no campo dos Estudos do Discurso, **Abrahão Sousa**, da USP de Ribeirão Preto (SP), questiona se um museu pode mostrar a face da Língua Portuguesa, ao analisar, à luz da teoria de Michel Pêcheux e em sintonia com os estudos de Silva Sobrinho e Cervo, excertos da exposição "Cazuza Mostra sua cara", apresentada no Museu da língua Portuguesa (MLP), no início de 2014. A autora considera sobretudo as noções de língua, arquivo e discurso para propor reflexões sobre a propriedade movente e sempre instável da língua no encontro de efeitos do poético e do político.

O nosso leitor afeto às questões do ensino e aprendizagem de línguas certamente se interessará pelos três trabalhos dessa linha aqui contemplados. O primeiro é o de **Salomão**, da Unesp de Araraquara (SP), que trata das concepções de cultura no ensino de línguas, construindo interessantes reflexões para a formação de professores de línguas. Nesse artigo, a autora discute alguns dos resultados de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, conduzida no contexto do projeto “Teletandem Brasil”, da Unesp, em um curso de formação continuada para professores de língua estrangeira da rede pública. Os resultados evidenciam uma tendência dos professores de tratar cultura como um conjunto de conhecimentos sobre os produtos, práticas e perspectivas de um povo, geralmente associados a um estado-nação homogêneo, estanque e isento de conflitos. O impacto de tais resultados para a formação de professores de línguas aponta para a necessidade de uma revisão da base de conhecimentos de tal formação no que se refere ao ensino e à aprendizagem de cultura em sala de aula de língua estrangeira, a fim de dissociá-lo da ideia de um corpo homogêneo, fixo e transparente de conhecimentos.

O segundo artigo é o de **Specht e D'Ely**, da Universidade Federal de Santa Catarina (SC), que trata do planejamento estratégico no ensino de uma segunda língua. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar o impacto da instrução em planejamento estratégico no desempenho oral de seis aprendizes brasileiros de inglês como L2. Os participantes, acadêmicos de Letras-Inglês, produziram três tarefas de narrativas de imagens, sob três condições diferentes: (1) sem planejamento estratégico, (2) planejamento estratégico antes da instrução e (3) planejamento estratégico depois da instrução. Além disso, eles preencheram um questionário após a produção de cada narrativa com o intuito de entender a opinião deles em relação às condições e tarefas. Foram conduzidas análises quantitativas e qualitativas a fim de examinar a produção oral e a percepção dos participantes, respectivamente. No geral, não houve evidências estatísticas apoiando o impacto da instrução no desempenho oral acurado dos alunos, porém alguns resultados estatísticos beiraram a significância, o que pode indicar algum efeito positivo da instrução. Por meio de análises qualitativas, foi possível encontrar evidências positivas em relação ao impacto da instrução na percepção dos acadêmicos e no uso de estratégias durante o momento de planejamento.

O último artigo desse grupo é o de **Finardi**, da Universidade Federal do Espírito Santo (ES), que, já no título, questiona “What Brazil can learn from Multilingual Switzerland and its use of English as a Multilingua Franca”. Tratando do multilinguismo e do papel do inglês na internacionalização, o artigo descreve os resultados de um projeto de pesquisa de pós-doutorado, cujo principal objetivo foi analisar o papel do inglês no processo de internacionalização da Universidade de Genebra, em particular, e na Suíça, em geral, desenhando algumas considerações sobre possíveis lições para o cenário brasileiro. A base teórica inclui a revisão do papel das línguas em geral e de inglês em particular no cenário globalizado e da revisão da

abordagem de intercompreensão para o ensino de línguas estrangeiras. A análise dos dados abrange a triangulação dos resultados de estudos anteriores realizados no âmbito do principal projeto de pesquisa de pós-doutorado e reanálise qualitativa de alguns dos dados preliminares da pesquisa doutoral de Csillagh em relação ao papel do inglês na Suíça. O estudo conclui com algumas considerações sobre o papel do inglês no Brasil e algumas sugestões para impulsionar o multilinguismo nesse país.

Caminhando finalmente para o terceiro e último grupo de artigos no âmbito da descrição da língua, iniciamos com o trabalho de **Souza e Oliveira**, ambos da Unesp de São José do Rio Preto (SP), o qual aborda a categoria de aspecto nas línguas indígenas brasileiras. Trata-se de um trabalho de cunho funcionalista, cujo objetivo é analisar, com base na Gramática Discursivo-Funcional, as noções de aspecto nas línguas indígenas das famílias Aruak (Kinikinau), Jê (Parkatejê, Xerente, Xavante), Guató (Guató), Tupi-Guarani (Asurini), Boróro (Boróro), Karib (Ikpeng), Pano (Katukina) e Ofayé (Ofayé), tendo em vista o princípio de ordenação das categorias de tempo, aspecto e modo (TAM) quanto ao predicado da oração, as relações semânticas de escopo entre tais categorias gramaticais e as suas formas de codificação morfossintática. Os dados são secundários (oriundos de gramáticas descritivas). Como resultados, verificaram que o aspecto qualitativo (perfectivo, imperfectivo, iminente) tende a se colocar mais próximo do verbo, por alterar a constituição temporal interna do Estado-de-Coisas, ao passo que o aspecto quantitativo (habitual, durativo) e o tempo tendem a se posicionar um pouco mais distante do predicado, por funcionarem como modificadores do Estado-de-Coisas como um todo. Já as noções de modo tendem a se colocar mais distantes do verbo, por não afetarem diretamente o seu estatuto. Os autores ainda comprovaram que a distribuição das categorias TAM tende a respeitar a ordenação e as relações de escopo entre elas.

Finalizamos nossa apresentação com o trabalho do trio de iranianos **Karimipour, Ghaderi e Alinezhad** que tratam dos padrões acentuais do dialeto curdo. Eles iniciam lembrando que Kager (1995) e Hayes (1995) propõem vários parâmetros para descrever os padrões acentuais. Assim eles se propõem a examinar uma variedade da língua curda, para ver como os padrões acentuais desse dialeto são definíveis no(s) quadro(s) mencionado(s). Depois de analisarem os dados de Ilami e especificarem os padrões acentuais desse dialeto, eles utilizaram a Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky 1993), que é uma perspectiva moderna para a fonologia, levando em conta restrições fonológicas universais no dialeto Ilami. Em se tratando de palavras monomorfêmicas, o Ilami é uma variedade sensível à quantidade e delimitada à direita. No que diz respeito às palavras compostas, utilizou-se o software PRAAT para avaliar o padrão acentual de construções produzidas por nativos do Ilami. Verificou-se que esse padrão acentual é sempre a sílaba mais à direita do morfema final que carrega a entonação mais forte, independente do comprimento da palavra e do número de morfemas. Essa tendência sempre viola a restrição universal MAIN-LEFT (C), segundo a qual, em um grupo clítico, a entonação forte é sempre realizada no elemento esquerdo da construção.

Agradecemos os autores das diversas áreas da linguística que aqui contribuíram bem como a todos que participaram do processo de edição: membros do corpo editorial, pareceristas, revisores, editores, e, principalmente, aos servidores da Eduem, pelo apoio contínuo e fundamental a cada edição. Esperamos ter instigado a leitura do material produzido e publicado neste volume 39, número 2 de 2017.

Maria Célia Cortêz Passetti
Editora Associada da Revista *Acta Scientiarum. Language and Culture*